

ARQUEOLOGIA, PAISAGEM E MATERIALIDADES DO MOVIMENTO DE PAU DE COLHER (1937 - 1938)

Marcelo Alves Ribeiro¹

Resumo: O artigo apresenta o movimento sociorreligioso de Pau de Colher na perspectiva arqueológica, procurando destacar aspectos da cultura material e suas influências na percepção da paisagem. Inserido entre os movimentos messiânicos milenaristas, o movimento do Pau de Colher ocorreu entre os anos de 1937 a 1938, em um povoado pertencente ao município de Casa Nova, sertão da Bahia. Nesse período, o local estava situado na fronteira com o município de São Raimundo Nonato, Estado do Piauí. Conhecido como “Guerra do Pau de Colher” ou “Guerra dos Caceteiros”, esse movimento sociorreligioso foi sufocado pelo exército e forças policiais dos Estados da Bahia, Piauí e Pernambuco, durante o início de implantação do Estado Novo (governo de Getúlio Vargas), resultando em mortos, feridos, órfãos e na destruição do adjunto. O objetivo do estudo foi identificar e mapear os espaços de antagonismos, bem como as ressignificações e apropriações daquele lugar e do movimento na contemporaneidade, a partir da Arqueologia da Paisagem. Desse modo, utilizou-se fontes escritas e orais, narrativas históricas, a materialidade resguardada por moradores e também presente na área do acampamento religioso; além dos espaços relativos ao adjunto e ao massacre ocorrido nos primeiros dias do ano de 1938, enquanto aspectos da cultura material e da paisagem de Pau de Colher. **Palavras-chaves:** Pau de Colher. Arqueologia. Paisagem. Cultura Material.

Abstract: The article presents the socio-religious movement of *Pau de Colher* from an archaeological perspective, seeking to highlight aspects of material culture and its influences on the perception of the landscape. inserted along with the millennial messianic movements, occurred between 1937 and 1938, in a village belonging to the municipality of Casa Nova, in the wilderness of the State of Bahia. During that period, the site was located on the border with the municipality of São Raimundo Nonato, State of Piauí, and nowadays called Dom Inocêncio. Known as “The War of Pau de Colher” or “Cacereteiros’ War”, that socio-religious movement was strangled by the army and police forces of the States of Bahia, Piauí and Pernambuco during the beginning of the implantation of the Estado Novo (by Getúlio Vargas government), what brought in it death, wounded, orphans and in the destruction of the adjunct. The aim of the study was to identify and map the spaces of antagonisms, as well as the resignifications and appropriations of that place and the movement in contemporary times, from Landscape Archeology. Thus, in addition to the written and oral sources, the study of historical narratives and the materiality protected by residents and also located in the area of the massacre, we consider the spaces related to the adjunct and the massacre occurred in the early days of 1938, as aspects of the material culture and landscape in Pau de Colher. **Keywords:** *Pau de Colher*. Archeology. Landscape.

¹ Bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial (Univasf) e Mestre em Arqueologia (UFPI). Brasil. E-mail: marcelo.alvesr@hotmail.com

Introdução

O Movimento de Pau de Colher ocorreu numa localidade homônima pertencente ao Município de Casa Nova, no extremo norte da Bahia, a aproximadamente 130 km da sede desse município, na tríplice fronteira: Bahia, Piauí e Pernambuco; marco físico a Serra Dois Irmãos, estrutura geomorfológica que também define o contato entre a borda sudeste da Bacia sedimentar do Parnaíba e a Depressão Periférica do São Francisco² (Figura 1). Na época, o povoado fazia divisa com comunidades pertencentes ao município de São Raimundo Nonato, Estado do Piauí.

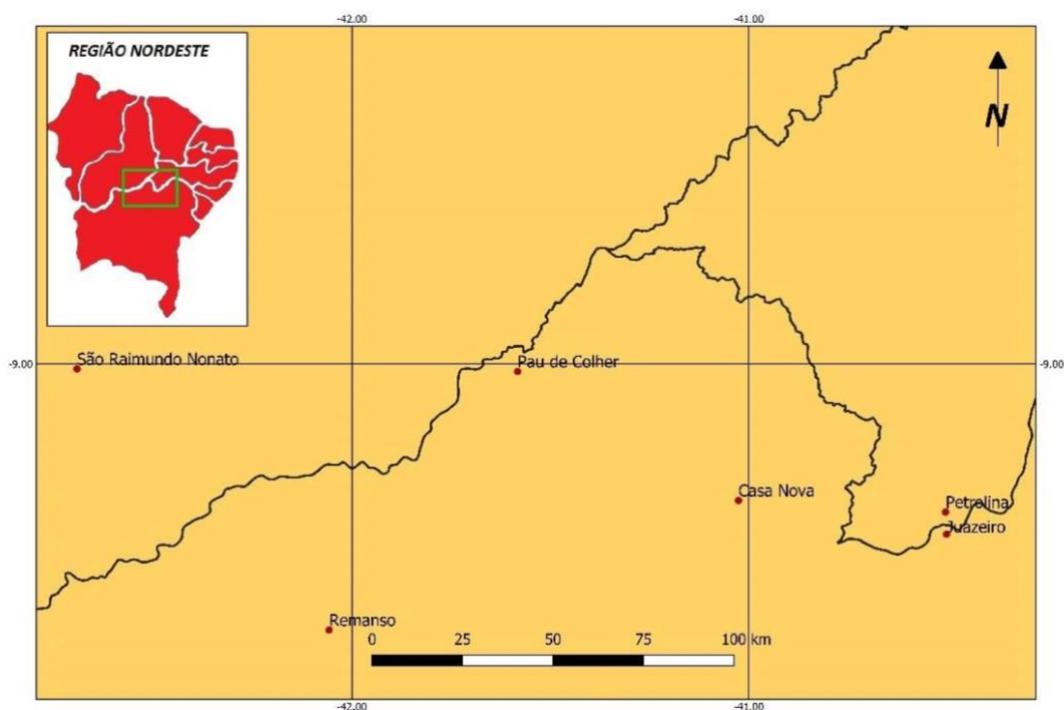


Figura 1: Localização de Pau de Colher em relação aos municípios envolvidos no movimento sociorreligioso e no ataque ao reduto. Fonte: Elaborado pelo autor.

O evento em questão, é popularmente conhecido como “Guerra do Pau de Colher ou Guerra dos Caceteiros”; no entanto, essas terminologias não foram empregadas neste trabalho para fazer alusão ao conflito, por considerarmos que a utilização do termo “guerra” seria pertinente para designar um evento belicoso onde os grupos antagônicos possuíssem a mesma proporção de forças ou que a disparidade de ataque e defesa fosse mínima. Além disso, compreendemos

² A Depressão Periférica do São Francisco é uma divisão geoambiental que se estende desde proximidade da costa do Ceará, Rio Grande do Norte até Minas Gerais.

que a palavra “guerra” tenha sido inserida ao contexto específico, como um artifício midiático oficial³ para mascarar a repressão praticada em Pau de Colher, a partir do uso desproporcional das forças por tropas estatais, sobre o grupo de civis concentrados na referida região; resultando assim, no massacre de mais de mil sertanejos.

Em relação ao termo “guerra dos caceteiros”, consideramos que o mesmo foi concebido e empregado de maneira pejorativa e tendenciosa. Com a finalidade de cristalizar no imaginário popular a ideia de que o massacre teria sido praticado exclusivamente pelos indivíduos que participavam do evento religioso, por meio do emprego de “cacetes” rústicos”.

Desse modo, para o Estado, o termo “caceteiros” amplamente difundido pela imprensa aliada do governo, fazia referência aos homens e mulheres do movimento considerados “incivilizados e bárbaros”. De modo que, após a matança, ampliou-se para uma perspectiva generalizante, estigmatizando quase a totalidade da população, no intuito de eximir e justificar as ações do Estado que resultaram na chacina do reduto e campanhas posteriores de vasculhamento naquela região.

Pau de Colher faz parte dos movimentos populares que ocorreram a partir das primeiras décadas da República e despertaram o alerta do sistema político e econômico adotado no país, gerando conflitos em diferentes regiões. Dentre estes, destacam-se a Guerra de Canudos (1893-1897)⁴; Guerra do Contestado (1912-1916)⁵; Caldeirão (1932-1937)⁶ e Guerra do Pau de Colher (1937-1938). Entre as características que os tornam semelhantes, evidenciou-se o fato de que todas essas manifestações eclodiram em função de graves problemas sociais, associados à presença mínima do poder público.

³ Sobre essas questões ver: Campos, Z. D. P. O Combate ao Catimbó: Práticas repressivas às religiões afro-umbandistas nos anos trinta e quarenta. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. UFPE. Recife, 2001; Cancelli, E. O mundo da violência: a polícia da Era Vargas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª edição, 1994.

⁴ A Guerra de Canudos (1893-1897) foi um conflito deflagrado na Bahia, entre o exército brasileiro e um grupo de sertanejos participantes de um movimento sociorreligioso, liderados por Antônio Conselheiro. Ver: Cunha, E. da. Os Sertões. São Paulo, Três, 1984-Biblioteca do Estudante.

⁵ A Guerra do Contestado (1912-1916) ocorreu no planalto sul brasileiro, e resultou em milhares de mortos. A causas do conflito relacionam-se ao “fanatismo” religioso e demais formas de messianismo que impeliram os ajuntamentos das populações rurais causando a intervenção das autoridades. Ver: Monteiro, 1974.

⁶ Movimento sociorreligioso ocorrido no Ceará entre 1932- 1937, liderado por José Lourenço, destruído pelo governo Vargas.

O ápice do ajuntamento em Pau de Colher coincidiu com a implantação da ditadura do Estado Novo, no final ano de 1937, cujo período foi marcado pela centralização política, autoritarismo, repressão às liberdades e violência. Entre 1935 a 1937, a repressão e o doutrinamento tornaram-se muito severos, e o Estado fez uso amplo de diversos meios para alcançar o apoio popular à causa. Em seu pronunciamento em rede nacional, no ano novo de 1936, Vargas tornou evidente sua postura através da demonstração de um sentimento de repúdio em relação ao comunismo.

Uma vez que houve a ampliação de uma política de perseguição aos grupos considerados inimigos do governo, sobretudo aqueles que proporcionassem suspeitas de ligações ao regime comunista, assim, a comunidade religiosa de Pau de Colher passou a representar ameaça, especialmente pela sua suposta vinculação ao comunismo. Suposição esta difundida através de boatos que teriam insuflado a tensão e estimulado as ações repressivas.

O Movimento Sociorreligioso de Pau de Colher

Ao apontar a gênese do ajuntamento sociorreligioso de Pau de Colher, além das causas comuns relativas às condições sociais da época, predomina entre alguns autores uma opinião a respeito da influência ideológica de duas figuras, Padre Cícero, de Juazeiro do Norte e o beato José Lourenço, líder do sítio Caldeirão, localizado ao sopé da Chapada do Araripe, no estado do Ceará.

O movimento messiânico liderado por José Lourenço tornou-se um centro de irradiação de beatos. No período de maior efervescência, alguns dos seus acólitos percorreram o sertão nordestino com o propósito de disseminar a doutrina religiosa. Entre os nomes destacou-se Severino Tavares. Consta que anteriormente, em suas andanças, tinha Severino estado em Pau de Colher, configurando-se o mentor intelectual dessa filiação com Caldeirão (Queiroz, 1976).

Durante sua passagem pela comunidade, na época composta por três famílias: a de Romualdo, de Rozendo e Luís Carlota; teria Severino Tavares entrado em contato com José Senhorinho, filho de Romualdo, quando se hospedou em sua casa. José Senhorinho adquiriu certo prestígio na comunidade pelo fato de possuir boas roças de mandioca, milho e feijão e por desempenhar atividades comerciais de compra e revenda de produtos de exportação. Precisamente algodão

e mamona, que lhes proporcionou alguma segurança financeira. Além de saber ler, ser rezador, manipulava plantas para benzer e curar e promovia festejo de santo em sua casa (Duarte, 1969).

Severino Tavares transmitiu instruções e conhecimentos religiosos a José Senhorinho, convertendo-o em líder comunitário da irmandade conselheira em Pau de Colher, formada pela junção das pessoas “que eram da lei do Conselheiro”. Viajou algumas vezes para participar das romarias de Caldeirão e no retorno de uma dessas viagens, chegou a demonstrar supostos dons sobrenaturais (Estrela,1997). A partir disso, o mesmo passou a receber visitas de pessoas da região que buscavam ouvir seus conselhos, além de rezar com ele.

Seguindo o exemplo de Senhorinho, alguns membros dessa “irmandade”, começaram a fazer romarias até Caldeirão, passando um período superior a um mês em cada viagem com o intuito de “trabalhar para Zé Lourenço”. E sob influência dos costumes daquele reduto, começaram a usar roupas pretas sinalizando luto pela morte do Padre Cícero (Pompa,1995). A partir de então, passaram a rezar terços noturnos em suas residências, isolando-se do resto da comunidade e das pessoas que não acreditavam em suas crenças.

Consta que havia um costume das pessoas reunirem-se na residência de José Senhorinho para celebrarem as festividades de Natal, através de uma novena celebrada por Senhorinho. A aglomeração em 1937 tornou-se maior após o surgimento de estórias da manifestação de dons sobrenaturais no anfitrião, atraindo assim a curiosidade das pessoas. No mesmo período chegou o beato Quinzeiro, participante da comunidade cearense de Caldeirão, organizada por José Lourenço. Esse beato apresentou uma narrativa da morte de Severino Tavares, um dos líderes do Caldeirão, e que estaria ali para lembrar as mensagens pregadas por Severino.

Em virtude das relações de amizade ou parentescos, houve um deslocamento voluntário até a reunião e, conseqüente formação do reduto que ocorria no terreiro da casa de Senhorinho. Esse local convertera-se em um santuário, alimentado pelas rezas que eram realizadas pela manhã, à tarde e à noite, onde o senso de irmandade era reforçado através de uma rígida divisão entre homens e mulheres.

Durante esse período de aglomeração, as pessoas deixaram seus afazeres e as atividades agrícolas de subsistência, pois estavam aguardando o comando para empreenderem uma viagem. Os alimentos provinham das roças de Senhorinho, mas esgotaram-se. Diante desse

contexto, o líder do acampamento ordenou aos seus congregados que retornassem às suas casas para buscarem alimentos e garantir o reabastecimento do reduto.

Tanto a aglomeração quanto as atividades de deslocamento dos grupos causavam constrangimento e medo na população vizinha. Muitos moradores abandonaram suas casas, fugindo e se refugiando caatinga adentro. A partir do início de janeiro de 1938, ocorreram operações policiais em colaboração com civis, para dissolver o movimento sociorreligioso. Todavia, sem êxito, e com o agravante de ter resultado na morte de soldados.

A partir desses antecedentes, o Estado organizou um grupamento militar envolvendo o exército, as polícias militares da Bahia, Piauí e Pernambuco com o suposto propósito de fazer a comunidade de Pau de Colher dissolver-se pacificamente (Figura 2).

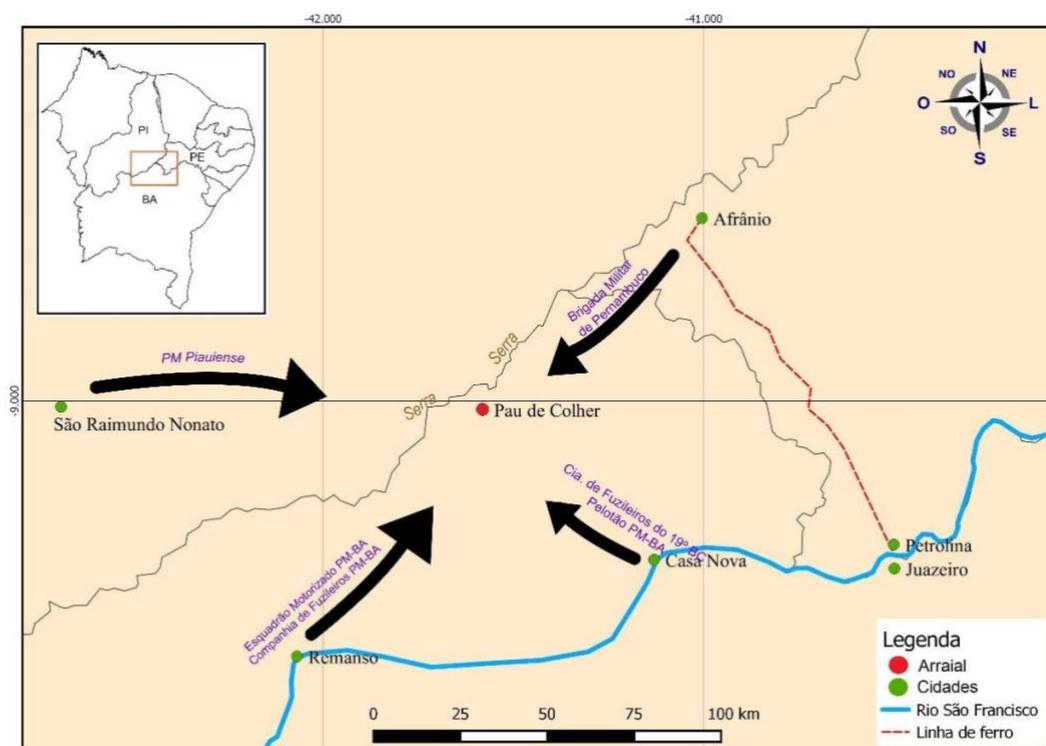


Figura 2: Demonstrativo da estratégia policial para a tomada de Pau de Colher. Fonte: Produzido pelo autor.

A polícia Militar piauiense partiu de São Raimundo Nonato-PI, sob o comando do capitão Benedito Alves da Luz e do subcomandante, 2º tenente José Ribeiro de Araújo à frente de uma tropa composta por militares e civis, que atacaram o reduto através do Norte. Porém, uma força policial volante da polícia militar de Pernambuco, liderada pelo Capitão Optato Gueiros,

subverteu as ordens que regiam a operação, e atacou em fevereiro de 1938 a comunidade de Pau de Colher, fuzilando um grande número de pessoas.

Em telegrama enviando ao gabinete do governador do Estado de Pernambuco, Optato Gueiros comunica que:

Ataquei fanáticos estado da Bahia quais sofreram enormes prejuízos vida e perda 14 entre mortos e feridos. Há 24 horas me acho em luta, mas em ótimas circunstâncias a vitória está assegurada. Sds. Captm. Optato Gueiros Comt. Forças Volantes⁷.

Nos três meses posteriores, ocorreram na região, intensas operações de vasculhamento com o propósito de destruir focos de resistência sertaneja, que se refugiaram na caatinga, realçando, desse modo, a carnificina.

O resultado desses eventos pode ser constatado através de um considerável número de espaços de sepultamento coletivo na caatinga, locais de memória que mantém viva as narrativas dos eventos, além de elementos materiais (fragmentos de armas, projéteis, cruces, etc), reunidos em relicários, sob os cuidados dos moradores locais.

Apesar da vasta bibliografia sobre Pau de Colher e de tais estudos conferirem importância à produção de conhecimento e compreensão do Movimento nos seus aspectos políticos, sociais e religiosos, cabe ressaltar que no que refere às pesquisas em Arqueologia, especialmente em relação às questões da Paisagem, aos espaços e a materialidade concebidos em função do conflito, ainda são incipientes. Desse modo, os estudos na perspectiva arqueológica tornam-se relevantes, visto que apresentam um outro olhar sobre o massacre de Pau de Colher, destacando especialmente os espaços, a paisagem e os remanescentes materiais desse movimento sociorreligioso.

⁷ Telegrama de Optato Gueiros ao Governador de Pernambuco. Arquivo Agamenon Magalhães, FGV CPDOC: AGM c 38 – 01 – 00/3.

Pau de Colher: Espacialidade e Paisagem

Ao considerar a paisagem um fruto da construção humana, relacionada aos aspectos ambientais e sociais, a Arqueologia da Paisagem surge enquanto vertente científica com o objetivo de entender as relações entre as diversas paisagens. Portanto, esse campo centra-se em investigar:

(...) um tipo específico do produto humano (a paisagem), que usa uma dada realidade (o espaço físico) para criar uma nova realidade (o espaço social: humanizado, econômico, agrário, habitacional, político, territorial, etc.) por meio da aplicação de uma ordenamento imaginada (espaço simbólico: no qual é sentido, percebido e pensado). Esta concepção supõe que a dimensão simbólica forma uma parte essencial da paisagem social e que, a compreensão integral dessas relações deve ser levada em conta (Boado,1999:4-5).

Para que as pesquisas sejam desenvolvidas sob esse pressuposto conceitual da paisagem enquanto uma realidade concreta e social, Boado ressalta a necessidade de empreender tais estudos considerando três dimensões espaciais: o espaço enquanto entorno físico; o espaço enquanto entorno social; o espaço enquanto entorno simbólico.

A primeira dimensão, diz respeito ao espaço enquanto entorno físico; corresponde ao substrato necessário à ocorrência das ações humanas e relações sociais; uma vez que, para a percepção e descrição dessa matriz ambiental, se faz necessário a utilização conjugada de conhecimentos de outros campos do saber, como por exemplo, das ciências da terra e ciências biológicas.

Quanto à segunda dimensão, o espaço enquanto entorno social, é construído pelos seres humanos, palco de atuação e estabelecimento das relações sociais de diferentes indivíduos e grupos sociais. E a terceira dimensão, o espaço enquanto entorno simbólico, representa a via por onde as intervenções e apropriações humanas da paisagem são pensadas e a estruturação do modo de vida dos grupos humanos estabelecida.

Ao aplicar tais conceitos ao contexto da pesquisa, a primeira dimensão, o espaço físico, corresponde a uma área da fronteira geológica entre a bacia sedimentar do Parnaíba e a Bacia do São Francisco localizada no submédio São Francisco, ao extremo norte da Bahia; geomorfologicamente referenciada pela Serra Dois Irmãos, sob os domínios fitogeográficos da caatinga, na tríplice fronteira administrativa dos estados da Bahia, Piauí e Pernambuco.

O espaço social; pode ser definido como o sertão da Bahia, região de conexão socioeconômica entre a Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão, através da “Estrada Velha” que atravessava aquela região; estrutura por onde a economia atrelada às raízes do período colonial se desenvolvia. E o espaço simbólico; representado pelo lugar do estabelecimento do povoado, da estruturação da vida socioeconômica, das manifestações religiosas, dos fluxos humanos envolvidos no estabelecimento do acampamento de Pau de Colher; lugar de tensão, conflito, massacre, destruição, reconstrução, resistência, remanescentes materiais e ressignificação.

Ao considerar as intervenções humanas na paisagem, isto é, como os grupos utilizam e modificam os espaços a partir de fatores naturais, humanos e das interrelações, a Arqueologia da Paisagem enquanto vertente da arqueologia, considera que os vestígios arqueológicos frutos dessas intervenções, contribuem para a investigação e compreensão das conexões entre homens e meio ambiente, assim como os processos de mudanças ou reestruturação das paisagens.

No que concerne às práticas de campo em arqueologia, foram realizadas três campanhas com duração de três dias cada uma delas, onde o instrumental metodológico utilizado englobou métodos empregados nos levantamentos de sítios arqueológicos, tais como as prospecções; além de entrevistas semiestruturadas ou abertas, que foram essenciais à identificação de sítios arqueológicos e também conduziram a obtenção de outros dados de interesse a essa pesquisa.

As entrevistas semiestruturadas, foram realizadas com moradores, as quais apontaram locais para serem investigados no intuito de identificar sítios arqueológicos relativos ao conflito de Pau de Colher, dentro de um limite de 4 km, circunscrito a partir do centro do acampamento. Na área, inicialmente foi realizada uma observação minuciosa do espaço físico, onde foi possível perceber a implantação do reduto em local topograficamente mais elevado, que possibilitaria às pessoas que estivessem ali reunidas, um certo domínio visual dos espaços e acessos ao acampamento.

As prospecções de superfície não interventivas no entorno do acampamento, tiveram como objetivo estabelecer uma projeção dos limites desse sítio arqueológico. Diria que um limite virtual, já que o contexto que contém os materiais arqueológicos é amplo e não seria possível dimensioná-lo sem considerar as pessoas, suas histórias, vivências e experiências desenvolvidas

entorno desse movimento, que constantemente são ressignificadas. Desse modo, é possível que qualquer iniciativa que contrarie essa conjunção, seja uma tentativa marcadamente errônea.

Rastros da Destruição

Bom, eu passei três mês nas caatinga (sic) perseguindo caceteiro com os doze fuzis que o capitão Benedito da Luz me deu, e com a ordem de matar, porque naquela época, não se prendia bandido. (João de Souza Rodrigues – Janjão)⁸.

Nas palavras “Janjão”, materializadas na citação acima, ressoa o estigma impresso às pessoas que participaram do acampamento de Pau de Colher e a cooptação de indivíduos da própria região, pelo Estado, para o projeto de eliminação dos sertanejos refugiados nas Caatingas.

Durante as atividades arqueológicas de reconhecimento de campo, caminhando por um dos carreiros que serpenteiam através da caatinga, numa área topograficamente mais elevada, de solo lixiviado e coloração variando entre acinzentado e avermelhado; marcado por blocos rochosos aflorantes, acessamos uma clareira que muito se assemelha a um terreiro frontal das residências sertanejas de áreas rurais.

Nesse descampado de formato retangular, com área de aproximadamente 3.856 m², estão dispostos sobre a superfície, quantidade diversa de remanescentes materiais atribuídos ao movimento sociorreligioso de Pau de Colher. São restos de estruturas habitacionais, área de refugio, concentração de fragmentos de olaria, resíduos de artefatos metálicos de uso cotidiano, fogões de blocos rochosos estruturados no formato de trempes, vidros, fragmentos de ossos, estruturas defensivas, sepulturas. Além de cruzeiros indicando locais de morte de algumas lideranças do Movimento (Figura 3).

Somados a esses vestígios, existem outros materiais coletados por moradores do povoado, alguns retirados desse local e acondicionados sob os cuidados de Manuel Nunes, com o objetivo de preservá-los, pois os moradores do entorno, almejam a construção de um memorial ou espaço de musealização adequado ao abrigo desses artefatos.

⁸ Depoimento de João de Souza Rodrigues (Janjão). *In*: Pompa, 1995.

estruturas facilmente identificáveis sobre o terreno; misturando-se, e transmitindo a ideia de que seriam uma única residência.

Nas atividades prospectivas realizadas na área do acampamento, foram identificados materiais relativos às armas de fogo utilizadas. Dentre eles, um cartucho não deflagrado, algumas pontas de projéteis e pedrneiras. Ao realizar a análise desses artefatos e de outros da mesma categoria, coletados por moradores da comunidade, tanto no acampamento e em outros locais do entorno¹⁰, foi possível alcançar alguns resultados que apontam para o tipo de armamento utilizado e suas características.

O cartucho identificado na área do acampamento é do tipo cilíndrico esférico, com ponta de aço e cápsula de latão. Na base desta munição existem as marcações “*Kynoch 7m/m*” que indicam o calibre compatível com o fuzil de assalto Mauser, e a origem da fábrica desse dispositivo bélico remete à companhia *Kynoch Co. Ltd. De Witton*, na cidade de Birmingham, Inglaterra. Provavelmente pertencia às forças militares que o extraviaram durante as ações sobre o reduto do Pau de Colher.

Do local onde se encontrava o cabo Ursulino, para a ótima posição do flanco oposto, donde se podia descortinar todo o reduto e seus defensores [...] substituído na água (cacimba) que guarnecia, conseguiu alcançar a posição cobiçada e, por um sinal dado, que consistia numa rajada de fuzil metralhador, a fuzilaria prorrompeu com um ritmo infernal, acompanhado com um grito de todos os soldados, o que resultou um número elevado de baixas entre os inimigos, os quais, apesar de todos os reveses, arrastaram-se como serpentes [...] Depois de 30 horas de cerco, aos esgotarem-se toda a água que tinham em potes em grandes cabaças, choravam todas as crianças pedindo água aos pais; achavam-se completamente apavorados com os tiros e a terrível catanga dos cadáveres que, expostos ao sol, já se decompunham (Estrela, 1998: 109).

No trecho do depoimento acima, são descritos alguns detalhes da ação da tropa de Pernambuco sobre a tomada do Pau de Colher e fuzilamentos das pessoas que se encontravam no acampamento. Ressaltando o elevado número de mortos, que de acordo com a contabilidade informada pelo comandante da força pernambucana, resultou em mais de 400 mortos, durante

¹⁰ Esses materiais coletados por moradores, se encontram acondicionados sob a guarda do senhor Júlio Nunes Rodrigues, também residente na localidade Pau de Colher.

as 24 horas de combates contra o reduto. Além disso, no mesmo registro fica exposto o sofrimento das crianças, resultado pela sede, pelo barulho dos tiros e pela imagem dos cadáveres em decomposição.

Em relação ao número de pessoas mortas durante as investidas das tropas policiais para destruírem o acampamento do Pau de Colher, percebemos que as informações existentes são contraditórias. De acordo com os relatos das tropas oficiais registra-se cerca de 400 mortos até o final do combate. Porém, durante entrevista com o senhor Petronílio José Lopes, o mesmo comenta que o número de mortos superou mil e quinhentas pessoas¹¹.

Constatamos a existência de vários locais com ocorrência desses testemunhos (valas, cruzes, etc.), espalhados por uma extensa área, alguns ultrapassam as fronteiras dos estados envolvidos. Porém, em razão da necessidade de maior tempo para a realização do mapeamento e análise de todos esses espaços, apresentamos, em caráter diagnóstico, três locais com valas coletivas; sendo denominadas de vala coletiva, sepultura da Santa Cruz e sepultura da Capoeira da Cruz¹².

Vala Coletiva do Acampamento

Quase ao centro do terreno, no acampamento, existem montículos de rochas resguardando uma área circular e côncava, distribuída em 50 m² aproximadamente; com sedimentos diferenciados na cor e textura em relação ao entorno, indicando desse modo, que o terreno foi escavado (Figura 4).

¹¹ Entrevista realizada com o senhor Petronílio José Lopes, 96 anos. São Raimundo Nonato, 21 de setembro de 2008. O senhor Petronílio, atuou ao lado da polícia do Piauí nas ações de vasculhamento e caçada aos integrantes da comunidade religiosa que conseguiram escapar ao fuzilamento de Optato Gueiros.

¹² Informações e nomenclaturas adquiridas a partir dos relatos dos moradores.



Figura 4: Vala coletiva. Os blocos rochosos delimitam a dimensão dessa estrutura. Fonte: Marcelo Alves, 2017.

Essa área corresponde a uma vala de enterramento coletivo. Nessa sepultura estão enterrados os restos mortais de pessoas fuziladas e, possivelmente queimadas pelas forças militares que atuaram na destruição dessa comunidade religiosa; como atesta o Capitão Maurino Cezimbra, responsável pela ordem de incinerar os corpos.

[...] fiz o serviço de vasculhamento, lançando à frente elementos ligeiros para a captura de indivíduos foragidos ou suspeitos; determinei a incineração de todos os corpos, por ser impossível o sepultamento, devido o início de putrefação, cuja exalação empestava o meio ambiente, obrigando o retraimento para Lagoinha (Estrela, 1998:60).

Em telegrama enviado em 25 de janeiro de 1938 ao Capitão Optato Gueiros, o Tenente Coronel Augusto Maynard Gomes informa que recebeu notícias do Capitão Maurino Cezimbra a respeito da ação em Pau de Colher: “Estou em Pau de Colher. Permanecer com as forças aqui se torna impossível devido o início da putrefação dos cadáveres cuja exalação infesta o ambiente. Impossibilidade de sepultamento, determinei incineração dos corpos”¹³.

Todavia, o incineramento dos corpos não teria sido apenas uma medida de âmbito sanitarista, mas uma maneira de arrematar a destruição, ampliando a paisagem de terror engendrada por Optato Gueiros. Desse modo, vemos na utilização do fogo sobre os cadáveres, não apenas a

¹³ Telegrama do Tenente Coronel Augusto Maynard Gomes enviado ao Capitão Optato Gueiros, Juazeiro/BA, 25 de janeiro de 1938. Arquivo Agamenon Magalhães, FGV/CPDOC, AGM c 38. 01. 25/2.

limpeza, depuração e renovação, que a simbologia desse elemento propõe, mas uma estratégia de atenuar a responsabilização diante da opinião pública, possibilitando aos vencedores, a elaboração de narrativas justas, convenientes e heroicas.

Tal ação demonstraria ainda, o simulacro da luta da civilização contra a barbárie, a doação da vida por uma causa maior. Como pode ser observado no trecho do depoimento do auxiliar de Optato Gueiros, comandante Tenente Ferraz.

Minha longa prática em combater e meu espírito pesquisador, me permitiram formar um conceito sobre heroísmo, depois da luta em Pau de Colher: Não existe covardia total: o homem pode ser levado a um estágio de verdadeira fera, dependendo do momento vivido ou da preparação psicológica e sociocultural recebida. O meio primitivo e a ignorância, tendem a modificar a índole humana em algo embrutecido, sem temor e bom-senso (...) o combate em Pau de Colher foi um combate típico de estudo da reação dos homens. Não lutávamos contra semelhantes, porém contra animais irracionais (...) nossos soldados foram, ao fim das contas, heróis, porque avançavam sempre e porque expuseram suas vidas apesar do medo, presente ou afastado pela necessidade de sobreviver (Estrela, 1998:114).

O desaparecimento das principais evidências dessa matança, os corpos espalhados no campo de batalha, anularia questionamentos mais críticos em relação ao Estado e a sua política de profilaxia social, posta em prática por seus agentes na eliminação de camadas indesejáveis da sociedade. Situação expressa no artigo publicado no Jornal Estado da Bahia, de 28/01/1938, intitulado “Apenas uma hecatombe”, de autoria de Austregésilo de Ataíde.

Volto a comentar o cangaço e o banditismo nos sertões do Nordeste. Mais uma vez para protestar, em nome da civilização e dos sentimentos da humanidade do povo brasileiro, contra os métodos bárbaros usados pelos governos daquelas regiões, que expedem no encalço dos infelizes sertanejos (...) Basta atentar no telegrama em que um capitão de polícia celebra a sua vítima (...), para sentir a revolta que empolgou Euclides da Cunha, ao fechar Os Sertões. Com ele, lamentamos não haja um Mandsley para os crimes da coletividade. Não me entusiasma o triunfo horrendo daquele capitão que tomou um reduto de fanáticos, matando 140 brasileiros. Uma verdadeira hecatombe. Aqueles miseráveis não dispunham de armas suficientes, o que se prova com as palavras do bravo capitão anunciando que o combate começara com um corpo-a-corpo, no qual morreram apenas cinco policiais contra 140 fanáticos. Houve uma chacina covarde que depõe contra a civilização do país (...) se eu fosse governo, o capitão responderia diante da justiça pela sua cruel vitória... As forças policiais nordestinas praticam nas suas expedições crimes horripilantes e torna-se, por isso, mais temidos que os cangaceiros (...)

não há o que esperar das polícias estaduais, em regra compostas de elementos perniciosos, senão carnificinas brutais e inúteis como esta que acaba de verificar-se” (Estrela, 1998:101-102).

Todavia, tanto as memórias dos atos praticadas por militares em Pau de Colher, quanto a Cultura material existente, depõem contra as narrativas oficiais que versam sobre o evento, pois são testemunhos do massacre perpetrado naquela comunidade.

Dentre a mistura caótica de vestígios materiais espalhados naquela área, alguns são bem ilustrativos: pontas de projéteis deflagradas, fragmentos de ossos e latas de querosene; que representam e sentido estrito, o trio de elementos que alude diretamente às ações que conceberam o microespaço fúnebre e informal dessa sepultura.

Em sentido amplo, podem ser tomados como testemunhos da dissolução violenta das relações sociais, do menosprezo e silenciamento do Estado em relação ao massacre da população sertaneja e pobre do Pau de Colher.

Segundo Optato Gueiros, citado anteriormente, a quantidade de mortos nessa área e no entorno imediato foi de cerca de quatrocentas pessoas. Porém, acredita-se que o número seja superior. Como afirmou o senhor Petronílio, em entrevista concedida como parte de um documentário iniciado em 2008, “[...] Lá por cálculo foi uma base de mil e quinhentas pessoas que morreu lá” (Estrela, 1998:60).

Sepultura da Capoeira da Cruz

Essa sepultura está localizada em uma área a 1,5 km ao norte do acampamento denominada “Capoeira da Cruz”. O local apresenta sinais de modificação da paisagem física, especialmente pelo emprego de práticas agrícolas, onde há poucos anos eram desenvolvidas atividades de cultivo de mandioca (*Manihot esculenta Crantz*) e, atualmente, corresponde a uma pastagem de uso comum, destinada à criação extensiva de gado.

Descendentes de homens e mulheres que viveram em Pau de Colher à época do massacre, mencionam que existia durante o período de maior efervescência religiosa uma espécie de posto de orações situado sob uma árvore nessa capoeira. Todavia a árvore não mais existe,

porém a sua localização é mantida por um fragmento de uma cruz de aroeira fincada ao solo, que é utilizado para realização de orações e pagamentos de promessas.

Uma questão relevante a respeito do local, e que até o momento não havia menção em outras pesquisas, ou mesmo nas narrativas oficiais, de indivíduos terem sido assassinados nesse lugar no período do combate ao Movimento do Pau de Colher. Consta que cerca de vinte e três pessoas foram massacradas e seus corpos sepultados em uma vala comum nas proximidades¹⁴.

O senhor Gregório Manoel, proprietário do terreno, forneceu informações referentes a esse espaço. Segundo ele, durante o período que cultivou mandioca na área, ouvia sussurros, ladainhas, choros, gritos e gemidos vindos do juazeiro e da área da cova coletiva. Outras pessoas, ao transitarem por aquele setor, tangendo gado ou caçando, noticiavam as mesmas manifestações: o aparecimento de “livusias”¹⁵.

Não é intenção lançar juízo de valor através dessa pesquisa sobre as construções mitológicas ou a sensibilidade dos indivíduos que noticiaram manifestações tidas “paranormais”; e humildemente compartilharam conosco suas convicções e interpretações relativas aos referidos eventos, atrelados a esse lugar de memória. Mas, tentar demonstrar a ligação do contexto material e simbólico desse local e a importância de considerar esse tipo de interposição em pesquisas arqueológicas. Principalmente, quando forem desenvolvidas no semiárido, onde o entrelaçamento da cultura ao meio natural produz narrativas singulares e repletas de informações valiosas, que podem estar atreladas diretamente à identificação de sítios arqueológicos.

Percebeu-se que há uma concordância estabelecida e exposta através das narrativas entre os sertanejos, de que árvores como juazeiro e umbuzeiro, desempenham uma função de canal de

¹⁴ Informação adquirida em entrevista com o senhor Gregório

¹⁵ Livusia é um termo empregado no interior do Nordeste para designar diversas manifestações psíquico sensitivas, caracterizadas pela aparição de luzes, vultos, audição de vozes, assovios, choros, gemidos; percepção de movimentação de objetos, pedras e projéteis arremessados sem que seja determinada a origem ou natureza do propulsor. Comumente essas manifestações paranormais estão associadas a exemplares de flora da caatinga, tais quais umbuzeiros e juazeiros. Há casos em que as aparições estão vinculadas à espacialidade, a pontos definidos na paisagem, como curvas de estradas ou encruzilhadas de carreiros, relacionados ou referenciados por alguma dessas árvores mencionadas. Em determinados locais as Livusias também são conhecidas como visagens ou “visage”. E ambas fazem parte do folclore enraizado no nordeste sertanejo. Na Alemanha o termo poltergeist é o equivalente à Livusia do interior nordestino. No entanto, esse primeiro difere-se do segundo por manifestar-se a partir de um indivíduo específico, sem um local fixo definido e sob regime de curta duração.

aparecimento de “livusias”. Para esses grupos, quando ocorrem tais manifestações associadas aos referidos exemplares da flora, estas representam um indicativo de ocorrências de mortes nesses locais.

Abordagem semelhante foi empreendida por Celito Kesting, em pesquisas arqueológicas no Sudeste do Piauí. Utilizando de métodos da história oral e de narrativas sócio-históricas, que versavam sobre aparições de “livusias”; ou “aleivosias”¹⁶ o autor em questão identificou um contexto arqueológico e, dentre os elementos materiais formadores daquele espaço, destacou-se a quantidade de ossos humanos.

Há, ali, muitos ossos humanos, fragmentos de cerâmica e artefatos da indústria lítica, junto a um centenário juazeiro (*Ziziphus juazeiro*) na margem esquerda do rio São Lourenço. Há, também, fragmentos de ossos humanos, cerâmica, louça e talheres, espalhados na superfície do terreno nas proximidades de um lajedo de granito que aflora nas duas margens do mesmo rio. Um pouco afastado dali, nas adjacências de dois frondosos umbuzeiros do terraço fluvial antigo, na margem direita do rio há concentração de matacões, ossos humanos e carapaças de tatu. A concentração de ossos humanos junto ao juazeiro e a abundância de fragmentos de potes de cerâmica pré-colonial indicam terem sido sepultados ali, em urnas funerárias, muitos corpos de índios (...). Há, também em profusão, artefatos da indústria lítica em sílex no entorno próximo, junto aos dois umbuzeiros a que se referiram os entrevistados e onde disseram que se veem e ouvem aleivosias (...) há concentrações de matacões. Próximo a eles há ossos humanos e de outras espécies animais, carapaças de tatu e restos de uma casa de taipa (Kesting et al, 2014:129-131).

No caso específico da “capoeira da Cruz” e do “juazeiro da Cruz”, ao ouvir a narrativa do aparecimento destas “livusias”, tornou-se manifesta a curiosidade de conhecer o local. Ao chegar na área e questionar o motivo da exteriorização dos fenômenos alegados, informaram que ocorriam “porque muitas pessoas foram mortas naquele lugar no tempo das rezas do Pau de Colher”¹⁷. E, no intuito de confirmar essa afirmativa, o informante indicou outro setor nas adjacências, com uma suposta vala de enterramento coletivo com vinte e três indivíduos sepultados.

¹⁶ Variação terminológica utilizada pelo autor para designar o fenômeno. Porém, segundo o dicionário da Língua Portuguesa, o termo “aleivosia” refere-se a um ato de traição, deslealdade, infâmia, injúria.

¹⁷ Entrevista realizada com o senhor Gregório Manoel Rodrigues, no Povoado Pau de Colher/BA, dia 25 de novembro de 2017.

O sítio arqueológico corresponde a uma área aproximada de 30,44 m², em um local da capoeira onde, segundo informações do proprietário do terreno, não foram desenvolvidas atividades agrícolas nesse espaço, pois há uma relação de reverência aos mortos e enterrados numa sepultura nesse lugar; sinalizada por um fragmento de uma cruz.

No entanto, não foram identificados materiais arqueológicos nas imediações dessa sepultura, além da referência a esse enterramento coletivo. Posteriormente, foi constatado que o costume de busca por relíquias também foi praticado nessa área. De acordo com Júlio Nunes, alguns materiais provenientes desse local estão no acervo por ele resguardado.

Por essa razão, ocorre a impossibilidade, motivada não apenas pelos propósitos do trabalho ou pela metodologia utilizada no mesmo, realizar uma análise do “contexto do sítio”, considerando apenas a materialidade, através dos remanescentes materiais que foram retirados do local de deposição primária, ou que vierem a ser obtidos em possíveis atividades de sondagens ou escavações. Todavia, em pesquisas futuras, é necessário considerar todos os elementos, principalmente o simbolismo desses espaços, as memórias, as narrativas das pessoas e as relações destas com a paisagem, para a partir de então, realizar-se um esboço das construções sociais e do entrelaçamento de todos esses contextos.

Vala da Santa Cruz

Rastreando a trilha da mataçã, nos deparamos com outra vala de enterramento comum, distante 3,7 km a noroeste do acampamento de Pau de Colher, situada no lugar chamado Santa Cruz, por isso nos referimos a esse sítio arqueológico como “Vala da Santa Cruz”.

Localiza-se numa área rebaixada, em meio à caatinga, próxima a uma drenagem que verte a partir da direção leste, entre duas propriedades, cujas cercas mantém uma espécie de corredor. No final deste espaço, avista-se duas grandes árvores de Umburana e Angico que indicam o local da mataçã.

Sob essas árvores, há um cruzeiro de aroeira com blocos rochosos em sua base, onde os visitantes utilizam para acender velas. À frente dessa cruz há uma estrutura, uma cerca de madeira com aproximadamente 30 m², delimitando uma sepultura, recuada no final deste caminho (Figura 5).



Figura 5: Vala do sítio arqueológico “capoeira da cruz”. Fonte: Joaquim Neto, 2018.

Na sepultura, contida no cercado de madeira, destacam-se pequenas cruces, sugerindo que crianças foram enterradas. Além disso, informações orais indicam que 23 mulheres foram sepultadas nessa vala, quando assassinadas no local¹⁸. A presença e participação das mulheres no movimento do Pau de Colher é identificada também pelas notícias de jornais da época e pelas informações adquiridas por meio dos entrevistados. Como por exemplo, o jornal *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) de 07 de janeiro de 1938 noticiava “Fanáticos implantam o terror nas caatingas”, destacando o receio da população de Casa Nova em relação ao movimento do Pau de Colher e que “várias mulheres percorrem as caatingas fanatizadas pelos organizadores dessa crença”¹⁹.

O senhor Petronílio e sua esposa, dona Abília, também relataram acerca do papel das mulheres no movimento. Algumas mulheres eram escolhidas pelos líderes do grupo para fazerem parte do Santuário do Senhorinho, “lá essas mulheres eram igual (sic) santa, igual Nossa Senhora”. Tinha umas mulher (sic) que avançava os soldados e queria tampar o cano da arma com um

¹⁸ Informações obtidas com o Sr. Gregório, que nos conduziu até o local. Povoado Pau de Colher, novembro de 2018.

¹⁹ *Jornal Correio da Manhã*. Edição 13392. Rio de Janeiro, 1938. Acervo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_04&pasta=ano%20193&pesq=Pau%20de%20colher

pano, morria tudo”²⁰. “Aí tinha as sopradeiras²¹, elas assopravam o alento na boca dos homens que ia pra guerra com a polícia, pra proteger eles”²².

De acordo com as informações dos militares, a autoria dos assassinatos nessa área recai sobre os membros da irmandade de Senhorinho, e que essas pessoas teriam morrido a cacetadas, sob as ordens de Quinzeiro.

Quinzeiro achava-se refugiado numa capoeira, não muito distante de Pau de Colher, ao lado da estrada que leva a Queimadas. Desse esconderijo ditava as ordens, inexoravelmente cumpridas [...] todas elas obedecendo a um ritual sangrento. [...] cerca de 40 pessoas, entre homens, mulheres e crianças se amontoavam no acampamento, prontos e dispostos a se curvar a qualquer tipo de ordem emanada do seu condutor espiritual [...] ali, bem perto, ficava a fazenda Santa Cruz, onde morava José da Clara, em companhia de vários outros caceteiros. E foi nas proximidades de sua casa que se improvisou um verdadeiro matadouro humano (Estrela, 1998:74).

Não encontramos nenhum registro que possa corroborar com as informações acima, a maioria das fontes consultadas colocam o movimento do Pau de Colher como uma conspiração comunista, além de destacarem atitudes de barbárie por parte dos membros do movimento. Porém, por se tratar de versões provenientes dos depoimentos de militares, e em razão de não identificarmos elementos materiais ou mesmo outros relatos que possibilitassem o cruzamento de tais informações, acreditamos, que seria pertinente a realização de trabalhos de escavação, no âmbito da arqueologia forense, para verificar por meio do registro arqueológico, quais os tipos de traumas prevalecem nos corpos. Desse modo, ter-se uma noção dos métodos empregados nesses assassinatos, tipos de armamentos, e desse modo, os possíveis autores.

Por meio dos elementos materiais, da paisagem, memórias e narrativas dos sertanejos, procuramos, ainda que em caráter diagnóstico, demonstrar os aspectos socioculturais atrelados ao movimento do Pau de Colher, destacando o potencial arqueológico no que tange aos elementos vinculados ao conflito e que compõem a paisagem local. Desse modo, pretendemos estimular iniciativas de pesquisas multidisciplinares voltadas para essa temática, a fim de serem

²⁰ Trecho do depoimento de Petronílio José Lopes, em 21 de setembro de 2008. São Raimundo Nonato/PI.

²¹ Segundo relatos, as mulheres ao soprar na boca desses homens proporcionavam alento aos mesmos. Sobre esse assunto ver: Duarte, 1969:18-19; Malvezzi, R. Semiárido: uma visão holística. Brasília: Confea, 2007:26.

²² Trecho do depoimento de Abília Maria dos Santos Lopes, em 21 de setembro de 2008. São Raimundo Nonato/PI.

obtidos apontamentos de caminhos possíveis a serem percorridos, rumo às respostas tão necessárias, a respeito desse genocídio.

Considerações Finais

Em relação ao movimento do Pau de Colher, existe uma bibliografia considerável de narrativas históricas de pesquisas sobre religiosidade, miséria, dentre outros. No nosso caso, por meio do estudo dessas obras e do acesso a uma diversidade de fontes (jornais, entrevistas, correspondências, relatórios, estruturas, elementos materiais e da paisagem), objetivamos investigar o movimento sociorreligioso do Pau de Colher na perspectiva arqueológica.

Nessa perspectiva, procuramos identificar e mapear os espaços, a cultura material remanescente, a fim de perceber suas influências enquanto conectores do espaço físico às dimensões sociais e simbólicas; que de acordo com os pressupostos defendidos por Boado (1999), da interconexão dessas dimensões ou a integralização desses fragmentos, originam-se as paisagens como fenômenos socialmente construídos; e assim foi possível perceber quais ou de qual modo, as paisagens se manifestam, sobrepõe-se ou entrelaçam-se em Pau de Colher.

Os elementos materiais encontrados durante as atividades de prospecção, como as estruturas, materiais cerâmicos e vítreos, metais, dentre outros, demonstram o potencial para estudos arqueológicos do lugar, sob perspectivas diversas, além de possibilitarem algumas inferências relativas aos acontecimentos e às narrativas gestadas até o momento.

No que refere as evidências materiais expostas através de valas coletivas e sepulturas unitárias em locais diversos e afastados da área do acampamento, apontam para uma matança que não pode ser mensurada através da versão oficial ou unicamente pelas memórias de sobreviventes. Que na maioria das vezes incorrem na reprodução das estimativas dos próprios militares, em virtude da violência desse discurso e do estigma causado pelo mesmo.

Após 81 anos do massacre do Pau de Colher, a comunidade ainda resiste através das memórias, da oralidade, dos elementos materiais e simbólicos que os moradores preservam, personificada em uma romaria que há 15 anos é realizada no dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia. “Essa romaria é de muita importância, porque se não o lugar *tava*(sic) acabado, esquecido”, relata o senhor Gregório, que ajuda na organização da romaria e receberomeiros em sua residência.

Referências

BOADO, F. C. 1999. Del Terreno al Espacio: Planteamientos y perspectivas para la Arqueología del Paisaje. In: CAPA 6, Grupo de Investigación em Arqueología del Paisaje, Universidad de Santiago de Compostela.

CAMPOS, Z. D. P. 2001. O Combate ao Catimbó: Práticas repressivas às religiões afro-umbandistas nos anos trinta e quarenta. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. UFPE. Recife.

CANCELLI, E. 1994. O mundo da violência: a polícia da Era Vargas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª edição.

DUARTE, R. 1969. Notas preliminares do estudo do movimento messiânico de Pau de Colher. In: Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Anais... Salvador.

ESTRELA, R. 1997. Pau de Colher, um pequeno Canudos: conotações políticas e ideológicas. 2ª ed. rev. Salvador: Assembleia Legislativa.

KESTERING, C.; SOUSA G. S. de. 2014. Umbuzeiro dos Defuntos: Um marco na História de São Lourenço do Piauí. Cadernos do Lepaarq, Vol. XI, nº22.

MONTEIRO, D. T. 1974. Os errantes do novo século. São Paulo: Duas Cidades.

POMPA, M. C. 1995. Histórias do fim do mundo: para uma leitura do movimento sócio-religioso de Pau de Colher. Dissertação (mestrado em antropologia). Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: Unicamp.

QUEIROZ, M. I. P. de. 1976. Messianismo no Brasil e no mundo. 2. Ed. São Paulo: Alfa-Ômega.

Documentos

APEPI – Arquivo Público do Estado do Piauí. Teresina, PI. *Diário Oficial do Estado do Piauí*, janeiro a março de 1938.

FGV CPDOC. *Arquivo Agamenon Magalhães*. AGM c 38.01.22/3; AGM c 38.01.25/2; AGM 38.01.00/2.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. *Periódico Correio da Manhã (Rio de Janeiro)*. 1938 – 1939. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_04/47163. Acesso em: 12 fevereiro de 2018.

Entrevistas

Petronílio José Lopes (remanescente). Depoimento concedido a Marcelo Alves e Joaquim Neto, no dia 21 de setembro de 2008, em São Raimundo Nonato, Piauí.

Abília Maria dos Santos Lopes (remanescente). Depoimento concedido a Marcelo Alves e Joaquim Neto, no dia 21 de setembro de 2008, em São Raimundo Nonato, Piauí.

Gregório Manoel Rodrigues. Entrevista concedida a Marcelo Alves para o projeto de mestrado intitulado “Sublevação na senda do desterro: arqueologia da paisagem do movimento em Pau de Colher (1937 - 1938)”, no dia 25 de novembro de 2017, no Povoado Pau de Colher/BA.

Zeferino Ferreira da Silva (remanescente). Entrevista concedida a Marcelo Alves para o projeto de mestrado intitulado “Sublevação na senda do desterro: arqueologia da paisagem do movimento em Pau de Colher (1937 - 1938)”, no dia 10 de agosto de 2018, no Sítio Proeza/BA.